

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural  
1995



02 MAR 1995  
ADVERTÊNCIA

é... boi!

: I m a n t i d e T e d e r :

# Do Arraial de Santa Luzia à LUZIÂNIA



■ JOSÉ DILERMANDO MEIRELES

**O** antigo Arraial de Santa Luzia, marco do bandeirantismo do século XVIII, hoje Luziânia, nem imaginava a importância que alcançaria na história moderna do país. Sem considerarmos os aspectos da interiorização da colonização e da disseminação da cultura, como pólo regional, Luziânia participou ativamente da grande epopéia nacional que foi a construção de Brasília. Ponto de referência de quantos

aqui vieram ao Planalto Central, Luziânia também teve seu nome incluído na história política nacional recente. Além da fazenda do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, localizada em suas terras e ponto de convergência obrigatório de políticos, empresários e intelectuais dos anos 50, ela abriga, também, um sítio famoso.

Quem não ouviu falar durante os governos militares no "sítio do Golbery"? Pois é, ele

fica em Luziânia. Romarias se formavam nesta época para perscrutar a alquimia política gerada nos laboratórios do general Golbery do Couto e Silva.

Essa é Luziânia, hoje tão irmanada à Brasília. Sabermos um pouco da sua história é até uma obrigação. Vamos aprender um pouco mais com o historiador e membro da Academia de Letras e Artes do Planalto, José Dilermando Meireles, nas páginas seguintes.

Geraldo Magela (PT)



A origem da palavra folclore ajuda a compreender a importância desta manifestação popular. A palavra nasceu inglesa, composta de folk (povo) e lore (história), o que faz, então, "a história do povo". Por isso mesmo, o folclore tem que ser preservado; é ele que mantém a coesão do povo de uma mesma Nação e é ele que lembra, através de suas danças, músicas, trajes e costumes, os traços de uma história comum.

Miquéias Paz (PC do B)



A valorização das manifestações folclóricas, criando meios de fazer com que elas permaneçam vivas no círculo de suas comunidades de origem e, ao mesmo tempo, chegue à sociedade como um todo, é fundamental para entendermos a nossa própria história. No caso do bumba-meu-boi é importante que ele "sobreviva" com a diversidade que possui, assumindo características específicas em cada região do País - com o boi de mamão, boi bumbá ou o nome que tenha.

**ANTECEDENTES HISTÓRICOS** - A penetração em território goiano, como no de Minas Gerais, deu-se a partir da segunda metade do século XVII. A história registra os nomes dos sertanistas Manoel Correia, Francisco Lopes Bonavides, Lourenço Castanho e Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera pai, como os primeiros a pisarem oficialmente as terras goianas.

O Anhangüera pai aqui chegou no ano de 1673, trazendo consigo um filho de mesmo nome e que contava, na época, a idade de apenas 12 anos. O Anhangüera, filho, voltaria em 1722, chefiando uma **Bandeira** constituída mediante a devida licença de D. João V, rei de Portugal.

Essa **Bandeira** sofreu pesadas agruras e duras privações, porém descobriu em nosso território muitas e riquíssimas jazidas de ouro, retornando a São Paulo em 1725, para dar conta do exitoso empreendimento. No ano seguinte, Bartolomeu Bueno retorna ao território goiano e funda Vila Boa, que tomou esse nome em homenagem a Bueno, seu pai. Vila Boa prosperou e tornou-se capital da Província, vindo a chamar-se, mais tarde, cidade de Goiás.

Principia aí a atividade febril da garimpagem de ouro em Goiás e a sucessiva fundação dos arraiais auríferos, os quais, segundo ordem estabelecida pelo historiador **Luiz Palacin** (Goiás 1722/1822, Editora Oriente, Goiânia, 1972), são os seguintes: Santa Cruz, 1729; Maranhão, 1730; Meia Ponte, 1731; Água Quente, 1732; Crixás e Natividade, 1734; Traíras e São José, 1735; Cachoeira e São Félix, 1736; Pontal e Porto Real, 1738; Arraias e Cavalcante, 1740; Carmo e Santa Luzia, 1746; e Cocal, 1749.

**A FUNDAÇÃO DO ARRAIAL DE SANTA LUZIA** - A fundação do Arraial de Santa Luzia se deu no dia 13 de dezembro de 1746 e seu fundador foi o sertanista **Antonio Bueno de Azevedo** que, partindo de Paracatu, em agosto de 1746, à procura de novas minas, foi ter à margem do riacho que hoje atravessa a cidade de



Bico de pena de Dilermando Meireles, com base em foto dos anos 30

Luziânia. Nele, encontrando grande quantidade de ouro, decidiu no mesmo instante fundar o arraial, que dedicou a Santa Luzia, por ser 13 de dezembro o dia consagrado a essa grande mártir do cristianismo.

De toda a leitura que tenho feito a respeito do assunto, somente deparei, até hoje, com uma dúvida sobre a identidade do descobridor das minas de Santa Luzia.

Confira-se o livro já citado, do historiador **Luiz Palacin**, e veja-se

à sua página 37, último parágrafo: "... **João de Godoy**, descobridor de Santa Luzia, bate no Juiz Ordinário, porque lhe disputava a precedência numa procissão".

O equívoco do ilustrador historiador é patente, não só por achar-se em desacordo com os demais que pesquisaram a matéria, entre eles o nosso atento e minucioso **Joseph de Melo Alvares**, como, sobretudo, pela existência de documento escrito e constante da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, cuja cópia nos foi dada a conhecer pelo eminente literato e historiador **Paulo Bertran**.

O documento em alusão é interessantíssimo e, por isso, o coloco à disposição dos leitores para examiná-lo; porém, como se acha manuscrito em talhe caligráfico antigo, de difícil leitura, peço permissão para transcrevê-lo:

*"Relação das coisas mais notáveis e notícia formal dessas Minas e Julgado de Santa Luzia da Comarca de Goiás mandada escrever pelo Ilmo. e Exmo. Senhor General desta Capitania. É a seguinte:*

*"O primeiro descobridor destas Minas, Antonio Bueno de Azevedo, o qual as descobriu no ano de mil, setecentos e quarenta e seis, governando esta Capitania, como todas as das Minas, o Senhor Gomes Freire de Andrada, aliás o Senhor D. Luiz de Mascarenhas.*

*Foi ereto o Julgado das ditas minas no ano de mil, setecentos e quarenta e oito, sendo ouvidor desta Comarca Manoel Antunes da Fonseca.*

*Tem o dito Julgado de extensão, qua-*

renta e oito léguas de longitude. Confina este Arraial de Santa Luzia, na distância de dezoito léguas com o Arraial dos Couros, o qual tem uma capela. Na distância de nove léguas, confina com o Arraial pequeno na passagem chamada Santo Antônio de Montes Claros, no qual também se acha outra capela. Confina este dito Julgado de Santa Luzia em circuito, com o Julgado de Meia Ponte, Traíras, Cavalcante, Paracatu e Santa Cruz.

A Serra dos Cristais em que há tradição antiga de ter nela haveres, porém até agora se não tem descoberto ainda que nela se tenha feito algumas explorações, porém até agora se não tem descoberto coisas de valor.

O morro chamado de Palmital, aonde tem duas lavras de talho aberto, com dois regos, de águas tiradas de mais de seis léguas de distância, das quais são senhores e possuidores o Exmo. Coronel **João Pereira Guimarães** e seu sócio Capitão **Manoel Ribeiro da Silva**, e mais sócios, e de outra, **Vicente Gomes, Manoel Jorge de Carvalho**, e mais sócios.

O morro ou chapada... do dito Arraial de Santa Luzia no qual se acham duas lavras também de talho aberto das quais são seus donos o Capitão **Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa**, o Coronel **João Pereira Guimarães** e **Maria de Bastos Nerva**.

O rio chamado Corumbá no qual há tradição certa de quem tem ouro, e com capacidade para se fazerem serviços, no qual se não trabalha por ser infestado de gentio Caiapó, o que tem morto naquelas margens mais de cinquenta pessoas.

O ribeirão de Pamplona, o qual foi descoberto por **Pascoal Pamplona Valladão**, o qual há bastantes anos trabalhou o Capitão **José Pereira Lisboa, Francisco Alvares Pereira** e outros, os quais por fazerem limitados jornais e por ter também paragem infestada de gentio Caiapó se acha deserta.

Os ribeirões chamados de Santa Luzia e de Palmital foram e são os primeiros destas Minas os quais se acham lavrados e ainda hoje se trabalha nelas, ainda que são limitados os jornais que deles se extraem.

O ribeirão chamado de Santo Antonio dos Montes Claros no qual também se tem trabalhado e extraído ouro, que por ser alcantilado e dificultoso para se fazerem serviços se não tem continuado na sua extração.

Tem o dito Julgado quatro rios de canoas, a saber: **Corumbá, São Bartolomeu, São Marcos e Rio Preto**.

Tem o mesmo Julgado nas estradas principais que saem do dito Arraial de Santa Luzia para os mais confinantes, quarenta e duas pontes, a saber, do dito Arraial para o da Meia Ponte, dez; do mesmo Arraial para o dos Couros pela estrada da Contagem de São João, nove; saindo pela Contagem de São Bartolomeu para o sertão, nove; seguindo a estrada de Paracatu depois que se passa o Rio

**São Bartolomeu**, duas; saindo pela estrada que vai para o Julgado de Santa Cruz, duas; pela estrada de São Marcos que vai para Paracatu com outras mais particulares fora das mencionadas estradas, dez.

Tem o dito Julgado nove lavras em que se extrai ouro, a saber: no morro do Palmital, a lavra do Coronel **João Pereira Guimarães** em que é sócio com o Capitão **Manoel Ribeiro da Silva** em cuja lavra e em outra que os ditos sócios tem na chapada deste Arraial... entre ambos os sócios duzentos e oitenta escravos debaixo da administração de dois feitores **Manoel da Cunha Teles e João Miz de Moraes**. E a lavra de **Vicente Gomes** e mais sócios, os quais possuem setenta escravos trabalhando na dita lavra debaixo da administração de seus senhores. No ribeirão chamado Palmital se acha outra lavra da administração de seu senhor.

Na chapada deste Arraial se acha outra lavra de **João G. da Costa Torres** com trinta e dois escravos os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor. Como também se acha a lavra do Capitão **Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa** e mais sócios da qual já acima se faz menção. Nas cabeceiras do ribeirão de Santa Luzia se acha outra lavra do Capitão **José Pereira Lisboa** com serviço de roda, o qual possui cento e cinquenta escravos debaixo da administração de seu feitor **José Alvares**.

No ribeirão de Santa Luzia na paragem chamada de Barreiro se acha outra lavra de que é Senhor **José Nogueira**, o qual possui trinta e quatro escravos os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor.

Há no dito Julgado quatorze engenhos de moer cana, a saber: um de **Antonio Francisco de Araújo**, o qual possui quatro escravos. Outro de **Manoel Cavalheiro Lembria**, com dezessete escravos. Outro do Alferes **Manoel Dias Roriz**, o qual possui setenta e cinco escravos. Outro de **Manoel Jorge de Carvalho** com trinta e três escravos. Outro do Juiz Ordinário **João de Oliveira Roiz de Sá**, o qual possui vinte e dois escravos. Outro do Coronel **João Pereira**

Ilustração baseada na obra de Almeida Junior (Caipiras Negaceando)



**Cláudio Monteiro**  
(PPS)



O folclore candango ainda está dando os primeiros passos. As pessoas que moram no Distrito Federal vieram de todas as partes do Brasil e trouxeram consigo as tradições culturais de suas regiões.

Os muitos problemas das cidades-satélites impedem que a cultura faça parte do cotidiano das pessoas. A Câmara Legislativa deve apreciar em breve projeto de lei que apresentei junto com a comunidade de Sobradinho criando o Centro Cultural naquela satélite, que apesar de sediar o pólo de cinema e vídeo, ainda não possui um Centro para difusão da cultura.

**Rodrigo Rollemberg**  
(PSB)



O boi do Teodoro vai sair - ê boi! - levando para a praça, quadras e satélites, a alegria de índios, negros e portugueses. O boi do Teodoro vai sair com a bandeira encarnada de nossas esperanças.

Ele tem um encontro marcado com o teatro de bonecos, com a capoeira, com a mandala, o carnaval, a viola de cocho e caipira.

Neste encontro, a alma de nossa gente pioneira e candanga construirá um novo povo. Mais alegre e colorido. Que não cabe na definição pobre de naturalidade. O boi do Teodoro vai sair - ê boi!

As paisagens e os casarios coloniais de Luziãni contidos nas páginas 13, 16 e 18 foram baseados em desenhos de Tom Maia (1977)



**Guimarães**, o qual possui setenta e oito escravos. Outro de **Marinho Coelho de Siqueira**, o qual possui dez escravos. Outro de **Antonio Teixeira de Carvalho**, o qual possui quatro escravos. Outro de **Custódio de Souza e Silva**, o qual possui dezesseis escravos. Outro de **Lázaro de Melo Alvares**, o qual possui trinta e três escravos.

Tem mais três engenhos de pilões de fazer farinha de milho a saber, um de **José Gomes Bezerra**, o qual possui quinze escravos. Outro de **João Mártires Val**, o qual possui sete escravos. Outro do Tenente **Gabriel da Cruz Miranda**, o qual possui dezesseis escravos.

Todas as terras em que se acham situados esses engenhos são férteis e abundantes na produção dos mantimentos.

Julga-se que os escravos que se ocupam no exercício de faiscaidores poderão chegar a duzentos e quarenta, pouco mais ou menos.

Há no Arraial quatorze lojas de fazenda seca, entre maiores e menores. Há uma carregação de molhados. Há no dito Arraial setenta vendas ou tabernas. Há em todo o Julgado oitenta e uma casas de pessoas brancas. Há de pessoas pardas cinquenta e oito. Há de pessoas pretas e forras, vinte.

Acha-se o dito Arraial povoado com duzentos e vinte moradores cabeças de pais de famílias os quais todos se ocupam em seu serviço de porta a dentro duzentos e vinte e cinco escravos.

Todos os mais escravos que há em toda a Freguesia se ocupam... e no mais ministérios conforme os tratos de seus senhores.

Rende o Conselho desse Julgado duzentas oitavas de ouro um ano por outro. O rendimento dessa Freguesia pelo que pertence ao vigário por sua informação são oitocentos e tantos mil réis.

Toda a relação acima expressada está conforme o sentir dos mais antigos moradores deste Arraial”.

O documento, considerado que pode ser como verdadeira certidão de batismo de Santa Luzia, afasta, pois, toda e qualquer dúvida que pudesse existir em torno da identidade de seu glorificado fundador.

O fundador da cidade de Santa Luzia, segundo narra o historiador **Joseph de Melo Alvares**, seu biógrafo, era natural de São João de Atibaia, no estado de São Paulo, filho de **Francisco Correia de Lima** e **Joana Baptista Bueno**.

**Bueno de Azevedo**, que fora casado com **Maria da Rocha Bueno**, sem deixar filhos, consoante pesquisa feita pelos historiadores **Evangelino Meireles** e **Gelmires Reis**, em Almanach de Santa Luzia para o ano de 1920, compunha com seu pai, o Capitão-Mor **Francisco Correia de Lima**, a **Bandeira** do Coronel **Casaca de Ferro**, que explorava minas de ouro no interior do País e, durante quase dois anos, trabalharam, pai e filho, com o sertanista **José Rodrigues Fróes** nas minas de Paracatu, de onde partiu **Bueno** para terras goianas.

Narra o seu biógrafo maior que **Antônio Bueno de Azevedo** faleceu na cidade de Luziânia, a 12 de maio de 1771, pendurado de dívidas. Ouçam esta descrição do funeral do fundador de Santa Luzia, feita por **Joseph de Melo**: “Sem

recursos como estava para deliberar sobre o seu funeral, pediu a irmandade do Santíssimo Sacramento não só para dar ao seu cadáver uma sepultura na igreja matriz, mas ainda para acompanhá-lo, favor este que também pediu aos sacerdotes em geral. Felizmente o grande homem, cuja necrologia estamos escrevendo, achou depois de sua morte, na sociedade por ele criada, uma sociedade digna dele. Seu cadáver, envolto no hábito de São Francisco, do qual era irmão terceiro, foi inumado na igreja matriz no segundo dia de seu passamento, com toda a solenidade permitida pelas circunstâncias da localidade, e uma subscrição provocada por seus concidadãos produziu para a sua virtuosa e desolada viúva os recursos necessários para que ela não misturasse as lágrimas da viuvez com as lágrimas da miséria. (*História de Santa Luzia, pág. 102*)".

Mas, afinal, quem seria esse **João de Godoy**, de que fala **Luiz Palacin**, confundido com o fundador de Santa Luzia? Pesquisando o assunto, encontramos na História de Santa Luzia, de **Joseph de Melo Alvares**, a chave do mistério.

João de Godoy, cujo nome completo era **João de Godoy Silveira Pinto**, homem violento e arrebatado, apareceu em Santa Luzia no ano de 1752, vindo de Traíras e inquietando a população na chefia de um bando de capangas.

Diz o historiador santaluziano atrás referido que esse **João de Godoy Silveira Pinto**, no dia 3 de março de 1752, promoveu uma sedição no Arraial, de efeitos tão desastrosos que horrorizou a população já que as desordens se deram no interior da igreja, frente a uma grande massa humana que ocupava a sua praça frontal, em dia de festa religiosa.

Daqui para a frente, dou a palavra ao próprio **Joseph de Melo**, para completar a informação:

"O juiz ordinário, recebendo queixas reiteradas contra esses celerados que faziam os-

tentação dos seus vícios e das suas depravações, e considerando que não dispunha de força paga, e que não convinha de modo algum, expor a vida dos paisanos para expurgar o território da sua jurisdição, de gente tão perigosa, acusada de um sem número de crimes contra a honra, a vida e a propriedade, de crimes revestidos de tão hediondas circunstâncias, que revelavam a mais requintada perversidade e degradação moral, de acordo com o seu colega **Bueno** e outras muitas pessoas com quem se entendeu, expediu uma parada para Vila Boa, levando as ocorrências ao conhecimento do governador e solicitando as providências que elas reclamavam.

No dia 25 de março, pelas 11 horas da manhã, acabava a missa solene da Anunciação de N. Sra., e o povo evacuava a capela, quando aparecem inopinadamente nove capangas de **Silveira Pinto**, e dirigindo-se a um grupo onde estavam dois Oficiais de Justiça, com as divisas do seu ofício, lhes disse que tinham ali vindo para quebrar a vara do juiz ordinário nas costas dele.

Avisado o juiz ordinário, que se achava dentro da capela, assomou ele à porta frontal dela e ordenou a prisão dos ousados sediciosos que assim desacatavam a autoridade pública, na pessoa dele.

Tão grande era o ânimo da popu-

lação contra estes perturbadores que sem cessar insultavam-na, que não tinha ainda o juiz ordinário concluído a última palavra da ordem que dava, quando renhida e cruenta luta se travou entre oficiais de justiça, povo e capangas de **Silveira Pinto**, que no primeiro embate, a parede do frontispício da capela desabou para dentro, levando consigo os lutadores; o sangue espadanou pelas paredes num brado de pragas e blasfêmias, que convulso, surdo, rouco e medonho ressoou nas abóbadas da Casa do Senhor e repetido nos ecos foi morrer no baixadão do rio Vermelho.

**Silveira Pinto**, com o resto da sua gente a cavalo, saía do rancho para o lugar do conflito, mas avistando ao longe uma onda de povo que para o seu lado se dirigia, com berreiros que estrugiam os ares, e considerando o que é o povo em um acesso de furor, o que é o povo indignado e sedento de sangue, receiando que, se essa onda de povo avistada se precipitasse sobre ele, uma nova hecatombe tivesse lugar, pôs-se em debandada pela estrada do norte"...

Esta retificação histórica torna-se sobremodo útil e mesmo necessária, para desfazer a confusão entre o vulto ilustre e fidalgo, do verdadeiro fundador de Santa Luzia, de índole mansa, ordeira e laboriosa, descendente de **Amador Bueno** e de **Bartolomeu Bueno da Silva**, o **Anhangüera**, e a do bandoleiro e malfeitor que, à frente de desordeiros seguidores, saqueava vilas e povoados, levando a intranquilidade e o pânico às populações que se empregavam na faina dos garimpos.

**O CICLO DO OURO** - A procura de ouro constituiu a atração inicial, responsável pela fundação da cidade de Santa Luzia, e, por algumas décadas, representou a sua economia básica.

A notícia se espalhou e a nova povoação floresceu rapidamente, com a entrada de levas e levas de pessoas vindas de todos os pontos, atraídas pela paixão da riqueza fácil e fugaz dos garimpos.

Não há registro conhecido das estatísticas de ouro extraído das minas de Santa Luzia, mas conta-nos **Joseph**



O monjolo é peça fundamental ao homem do sertão até os dias de hoje

**Edimar  
Pireneus  
(PMDB)**



*Quem, no Brasil, não se encanta ao ver passar o bumba-meu-boi nas ruas? Antiga tradição popular, o bumba-meu-boi está arraigado em nossa cultura, mas corre o risco de desaparecer, sob o peso do avanço da urbanização e da tecnologia, que traz com muita rapidez, para todos os lares, as informações, a cultura, as modismos de outras cidades, regiões e países. Por isso precisamos apoiar essa importante manifestação de nossa cultura popular, que no Distrito Federal ainda resiste, em Sobradinho, graças ao esforço de Teodoro e da comunidade.*

**Jorge  
Cauhy  
(PMDB)**



*Na minha luta em defesa dos mais carentes e das minorias, tenho dedicado especial atenção ao idoso. Entre outros fatores, os especialistas apontam a assistência médica e hospitalar e o trabalho útil como necessários para assegurar uma velhice saudável. Raros são os nossos velhos que conseguem manter um desses fatores. Para reverter essa situação, em conjunto com o deputado Marco Lima (PT), apresentei projeto de lei criando o Estatuto do Idoso do DF. É mais uma tentativa para dotar o Distrito Federal com uma política de assistência e valorização do idoso.*

**de Melo** que “um ano ainda não era passado, e já um grande território, desde a cabeceira do rio Vermelho até à sua foz no São Bartolomeu; desde a cabeceira do Palmital até à sua foz no Corumbá, estava convertido em uma vasta lavra de muitas léguas quadradas, aberta à força do poder dos braços de milhares de homens, mulheres e crianças”.

Que o ouro era farto e abundante, não há dúvida. O documento que de início foi lido, informa, no somatório de suas descrições, a existência, naquela época, de cerca de 1565 escravos em Santa Luzia, assim distribuídos:

- nas minas de ouro	- 611
- na faiscação de ouro	- 240
- em faina doméstica	- 225
- na lavoura canavieira	- 489
Total	1565

Deste modo, segundo esse documento, a atividade aurífera ocupava o trabalho de mais de 850 escravos.

Conquanto o documento a que aludimos não contenha data, deve ser ele posterior ao ano de 1770, porque faz menção ao famoso **Rego do Saia Velha**, com mais de 30 quilômetros de extensão, para lavagem do cascalho aurífero nas “terras altas” do Rosário, e, segundo **Joseph de Melo**, esta obra foi concluída no ano de 1770.

O livro de **Joseph de Melo** abrange o período compreendido entre a fundação de Santa Luzia, em 1746, e o ano de 1775, ou seja, 30 anos de história. Não há, em sua narrativa, nenhuma alusão à decadência da mineração nesse período.

Por outro lado, assinala o aludido autor, que o ano de 1764 foi abundantíssimo na produção de ouro, que atingiu 13 (treze) arrobas e 23 libras. Por hipótese, pois, poderíamos admitir uma produção mé-

dia de 10 arrobas/ano, o que daria a produção de 300 arrobas nos 30 primeiros anos da cidade.

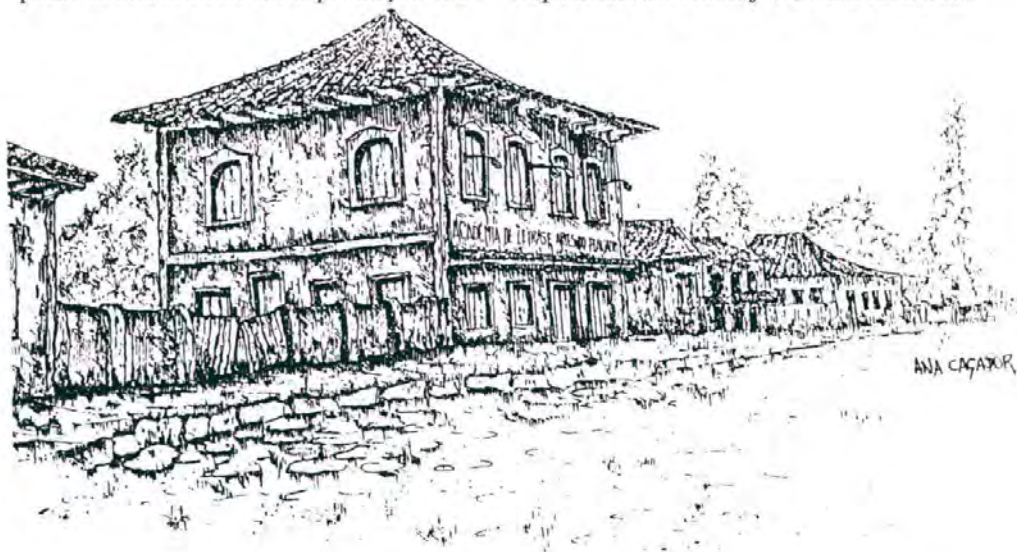
Essa estimativa ajusta-se aos cálculos indicados pelos pesquisadores do assunto. Com efeito, o próprio **Paulo Bertran**, em seu laureado livro *Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil*, estima a produção de 150 gramas/ano por escravo, como a mais razoável e provável média de produção.

Assim, não é exagero estimar em 1000 o número de escravos nas minas de Santa Luzia, os quais, produzindo 150 gramas/ano cada um, fariam coincidir os cálculos de 10 arrobas/ano, de produção, o que foi suficiente para segurar a população, garantir a prosperidade e desenvolvimento do lugar e tornar definitiva e próspera a fundação de Santa Luzia, que, segundo a lenda, se deu ao luxo de oferecer um cacho de bananas de ouro à **Rainha Maria I** de Portugal, consoante assinala Joaquim Gilberto em *Apologia de Brasília* (Goiânia, 1960).

**AGRICULTURA E PECUÁRIA** - À medida que o ouro ia-se escasseando, começava a surgir, como alternativa, a economia de sustentação baseada na agricultura e na pecuária.

A agricultura canavieira, como vimos em linhas passadas, já chegara a empregar 50% da mão-de-obra escrava de Santa Luzia, nos quatorze engenhos que chegou a possuir; porém, houve um recuo, ante as proibições do governo, que desejava impedir a diversificação de atividades nas regiões auríferas.

**Palacin** elucida com muita clareza e propriedade esse ponto, dizendo: “As Capitâneas de Minas foram durante o sé-



culo XVIII Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Era interesse do governo - dentro da mentalidade mercantilista de especialização para a exportação, concentrar todo o esforço na produção do ouro; com essa finalidade, proibia ou dificultava outros ramos de produção. Poderíamos citar como exemplo, a proibição de engenhos de açúcar em Goiás".

Uma vez exauridas as minas de ouro, porém, a agricultura e a pecuária tornaram-se alternativas de sobrevivência.

Por falta de meios de comunicação, a agricultura permaneceu como economia de consumo até o advento de Brasília e, sobretudo até a imigração dos colonos gaúchos da atualidade. Somente a pecuária entrou, desde logo, na economia de mercado, com a comercialização de gado com Minas e São Paulo, já que o boi é autotransportável.

Das pequenas indústrias artesanais, a fabricação de marmelada tornou-se tradicional e famosa desde o início e foi-se impondo no mercado, malgrado os obstáculos conseqüentes da escassez de transporte. Ainda hoje é símbolo que identifica Santa Luzia em quase todo o País.

**SANTA LUZIA - BERÇO DE CULTURA** - Podemos dividir a história de Santa Luzia em dois períodos: antes e depois de Brasília, tão grande e significativa foi a transferência da capital da República para o nosso território. Também culturalmente esse marco é nitidamente significativo. Iniciemos pelo estudo do primeiro período.

O esplendor do período aurífero do século XVIII refluíu no século seguinte, transformando Santa Luzia em berço de cultura de grande prestígio no estado de Goiás. O primeiro vulto de relevo que aparece no seu cenário cultural e no cenário cultural do Planalto é o do Padre **João Teixeira Alvares**, no quartel inicial do século XIX.

Pouco se sabe a respeito da biografia de **João Teixeira**; contudo, os registros eclesiásticos de Luziânia assinalam sua presença como vigário da paróquia já em 1808, quando da vinda da Corte Real portuguesa para o Bra-



Ilustração baseada na obra de H. Bernadelli (Bandeirante)

sil. Que seja filho de Santa Luzia, parece não existir dúvida, ante os relatos de **Saint Hilaire** em sua *Viagem à Província de Goiás*. Ali se lê que a família de **João Teixeira** era bastante numerosa e que viviam em sua companhia a mãe, irmãs, várias sobrinhas e um irmão aleijado.

Quanto ao valor intelectual e moral do vigário, deixemos que fale o próprio **Saint Hilaire**: "*Poderia ter-me posto logo a caminho, mas havia tanto tempo que eu não tinha oportunidade de conversar com um homem culto, que resolvi prolongar minha estada em Santa Luzia, a fim de usufruir da companhia do vigário. João Teixeira Alvares sabia latim, francês, italiano e espanhol; conhecia nossos melhores escritores do século de Luiz XIV e possuía uma seleta biblioteca com várias centenas de volumes, o que no país era uma raridade. Além de ser um homem instruído, bondoso e amável, ele era no clero brasileiro uma notável exceção, pois se achava imbuído do verdadeiro espírito de sua missão*".

A segunda grande expressão que teve Santa Luzia, no século passado, foi **Joseph de Melo Alvares**, autor da *História de Santa Luzia*. Sobre ele dei-

xei escrito o seguinte, na apresentação que fiz, de seu valioso livro: *O jornalista, escritor, historiador, advogado, farmacêutico, médico, comerciante, agricultor, pecuarista, político e administrador público que foi Joseph de Melo Alvares, nasceu na cidade de Santa Luzia (hoje Luziânia), a 19 de março de 1837. É filho de Modesto de Melo Alvares e Antonia Eufrosina de Mello, tendo-se casado com Carolina Rodrigues Barbosa no dia 1º de fevereiro de 1893. Os oito filhos que o casal deixou formam hoje uma descendência tão vasta, que parece trabalho quase impossível o seu levantamento perfeito e completo.*

*Tendo cursado apenas a escola primária em sua terra natal, obteve, como autodidata, afirmação intelectual das mais destacadas no Brasil Central, recebendo, já em vida, o culto de verdadeiro Varão de Plutarco.*

*Despediu-se dos vivos no dia 6 de julho de 1912, cobrindo de luto toda a comunidade do Planalto, à época, que chorou a perda de um dos seus mais notáveis e operosos filhos, o seu autêntico suporte intelectual e moral.*

*O jornal O Planalto, periódico fundado por Evangelista Meireles e Plácido de Paiva, no qual Joseph de Melo Alvares publicou esparsamente o trabalho que forma este livro, divulgou, em sua edição de 13 de julho de 1912, longo editorial sobre o vulto ilustre que desaparecera na semana anterior.*

Vereador durante seis legislaturas, juiz de paz por dois mandatos, intendente municipal por duas vezes, deputado provincial, o autor da *Descrição Histórica e Geográfica de Santa Luzia*, como parlamentar, obteve a aprovação do ato que elevou Luziânia à condição de cidade, em 5 de outubro de 1867. Como educador e humanista dirigiu a *Colônia Orfanológica Blasiana*, cujos relevantes serviços prestados aos menores desamparados de sua terra é reconhecido pelos cronistas da época. Como médico prático, fundou um hospital em Luziânia. Farmacêutico consciencioso e capaz, manipulava com probidade e sabedoria o seu laboratório. "*Advogado de uma competência e perspicácia extra-*



Marcos  
Lima  
(PT)



*Estudo de um dos membros do Conselho da Rádio Cultura, o jornalista Paulo Miranda, aponta que a música brasileira sempre perde para as músicas em inglês na emissora. Aponta também que a nossa música só sobressai quando o programa é dedicado a algum brasileiro. Esse perfil precisa mudar. A música norte-americana, as bandas inglesas e grupos europeus têm o seu valor. Mas é preciso valorizar mais e mais a nossa música e os nossos artistas.*

Luiz  
Estevão  
(PMDB)



*A Câmara Legislativa aprovou, em 1º turno, projeto do deputado Luiz Estevão (PMDB) que reduz a alíquota do Imposto sobre Serviços (ISS), incidente sobre espetáculos artísticos e culturais realizados no DF. O projeto tramitou pelas três comissões e, em sua versão final, reduz de 5% para 1% o ISS cobrado de shows e outros eventos na cidade. Os promotores culturais sempre se queixaram das altas taxas incidentes sobre espetáculos, que sempre refletem nos custos dos ingressos.*

*ordinárias - narra o editorial do jornal O Planalto, atrás referido - os seus trabalhos neste sentido fazem honra à jurisprudência goiana, valendo a sua opinião nos complicados departamentos da ciência do direito, por verdadeiras sentenças.*

O livro que ora é dado a lume parece ter sido o único escrito por **Joseph de Melo**. O seu texto foi trasladado, pelo apresentante, das páginas da coleção de 185 números, que compõem o jornal *O Planalto*, semanário que circulou de 1910 a 1915 em Santa Luzia. O resto da obra do autor se compõe de preciosos trabalhos forenses, inseridos nos volumes de autos da comarca de Luziânia e comarcas vizinhas.

Nos primeiros anos deste século surgem duas figuras exponenciais, duas fulgurações intelectuais que marcaram presença maiúscula nos meios culturais de Santa Luzia, com projeção no próprio estado de Goiás.

O primeiro deles foi **Evangelino Meireles**, nascido em 1882 e falecido em 1922. Genro e discípulo de **Joseph de Melo**, dele herdou a biblioteca e o gosto pelas letras. Em 1910, fundou o jornal *O Planalto*, que circulou ininterruptamente até o ano de 1915. Esse jornal constitui hoje rico repositório de informação histórica e literária da região.

Sobre a vida e obra de **Evangelino**, recomendo a leitura das conferências feitas por **Gelmires Reis**, **Baltazar dos Reis**, **Joaquim Gilberto** e **Benedito de Araújo Melo**, por ocasião das homenagens tributadas à sua memória, no cinquentenário de seu falecimento.

**Evangelino**, além de historiador, ins-

*Dos rios de Goiás saíram toneladas de ouro para a casa Real de Portugal*



pirado poeta e fecundo prosador, foi líder intelectual e político, jornalista de nomeada, o vulto mais representativo de sua geração, em Santa Luzia.

Os trabalhos literários de **Evangelino** acham-se publicados no jornal *O Planalto*, no *Almanach de Santa Luzia*, que organizou com **Gelmires Reis** em 1920, e em outros jornais de Goiás e do Triângulo Mineiro.

O segundo foi **Gelmires Reis**, nascido em 1893 e falecido em 1984, com 91 anos de idade. É o mais versátil e o mais fecundo de todos os intelectuais de Santa Luzia, conhecido em todos os meios culturais de Goiás, cuja Academia de Letras integrou.

Deixou perto de trinta livros publicados e vários trabalhos inéditos, como historiador, linhagista, contista, conferencista, poeta, articulista, cronista e folclorista.

Na década de vinte apareceram valores novos como **Joaquim Gilberto** e **Benedito de Araújo Melo**, literatos e homens públicos de expressão. O primeiro deles, professor e cronista urbano, orador brilhante e poeta sensível, nos legou páginas de beleza peregrina, dignas de figurar nas mais seletas antologias. O segundo, foi cronista dos usos e costumes rurais. São de beleza rara e de rica informação regionalista e folclórica as suas descrições sobre a plantação e poda do marmeleiro, a fabricação de marmelada, o pouso de folia e as festas religiosas no município, com seus cantos e rezas oitocentistas.

Na mesma época, surge **Baltazar dos Reis**, mestre-escola, poeta e prosador de grande mérito, juntamente com **Antônio Março de Araújo**, maestro e compositor de expressão em nosso meio.

Todos esses nomes citados formam o grupo dos notáveis, que batizei de **monstros sagrados** do nosso autodidatismo, porque nenhum deles cursou escola superior.

A partir do final da década de vinte do nosso século, começaram a surgir os intelectuais de formação acadêmica, entre eles, **Americano do Brasil**, **Joaquim Machado de Araújo**, **Simão Carneiro de Mendonça** e vários outros, até os atuais.